

COMPREENSÃO DE METÁFORAS RELACIONADAS À CULTURA GAÚCHA: ANÁLISE QUALITATIVA

Maitê GIL*

ABSTRACT: This paper aims to analyze - from a qualitative point of view - the data of an instrument (based on the Conceptual Metaphor Theory) about the understanding of conceptual metaphors and linguistic instantiations related to the southern Brazilian culture by children and adults living in the countryside and capital city of Rio Grande do Sul. The data analysis shows that the four conceptual metaphors included in the test have peculiarities in their understanding, although there is a significant divergence just regarding the understanding of two conceptual metaphors. Three patterns were found in the data: relations with other conceptual domains; recurrence of primary metaphors for the understanding of complex metaphors; and influence of “age” and “place of residence” in metaphor understanding.

KEYWORDS: metaphor understanding; language; culture.

1. Introdução

Este trabalho visa a apresentar uma análise qualitativa dos dados obtidos a partir de um teste de compreensão de metáforas relacionadas à cultura gaúcha, mais precisamente, à figura do cavalo. Os conceitos de “metáfora” e “cultura” já foram definidos e redefinidos muitas vezes e, hoje, são estudados sob diferentes perspectivas teóricas. Para alguns, a metáfora é apenas uma figura de linguagem (GRICE, 1987; ARISTÓTELES, 1990); para outros, ela desempenha um importante papel em nosso sistema conceitual (LAKOFF e JOHNSON, 1980; GIBBS, 1994; KÖVECSSES, 2005). Já a cultura é considerada tanto um padrão de comportamento transmitido coletivamente e típico de uma determinada sociedade, quanto um conjunto de signos que podem ser interpretados (LARAIA, 2009). O instrumento que gerou os dados analisados neste artigo buscou propor uma interface entre esses conceitos ao delimitá-los dentro de teorias específicas, explorando seus pontos de convergência.

Na tentativa de articular esses conceitos, será apresentado, na próxima seção, o referencial teórico que embasa este trabalho. Em seguida, é descrito o instrumento que gerou os dados aqui analisados para que, então, seja feita a análise qualitativa a que se propõe este artigo. Nas considerações finais, são feitas reflexões sobre as informações discutidas nas seções anteriores.

2. Referencial teórico

Os dados aqui analisados foram gerados por um instrumento de compreensão de metáforas relacionadas à cultura gaúcha, elaborado sob a perspectiva da Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Nessa teoria, a metáfora é vista como uma questão cognitiva central, e não como um fenômeno linguístico periférico. Lakoff e Johnson defendem que o sistema conceitual humano para conceitos abstratos é essencialmente metafórico. Por isso, nessa visão, a metáfora é o mapeamento entre dois domínios conceituais, sendo o conceito alvo (mais abstrato) parcialmente estruturado em termos do outro, conceito

* Mestranda em Linguística Aplicada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

fonte (mais concreto). Por exemplo, a metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA é a conceituação de um domínio abstrato – DISCUSSÃO - em termos de um domínio mais bem estruturado, como GUERRA. A partir dessa relação, fala-se sobre *discussão* com expressões linguísticas como *Ele ganhou a discussão*, ou, ainda, *Os argumentos dele eram mais fortes*. Dessa forma, um enunciado metafórico só é produzido e entendido, porque as metáforas estão no sistema conceitual humano, o qual é evidenciado através da linguagem.

As metáforas conceituais podem ser classificadas em primárias ou complexas. São consideradas metáforas primárias aquelas que resultam de interações entre certos eventos básicos que ocorrem regular e diariamente em nossa experiência em diversos contextos. Ao levantarmos uma pilha de livros, por exemplo, sentimos que a nossa dificuldade aumenta de forma diretamente proporcional ao aumento do número de livros na pilha (peso). Temos aí uma situação recorrente e coocorrente entre os domínios DIFICULDADE e PESO, o que origina a metáfora primária DIFICULDADE É PESO. Essa correlação experiencial motiva atualizações linguísticas como *O dia foi pesado hoje* ou *Essa aula foi leve*. Situações como as citadas ocorrem no dia a dia das pessoas em geral, independentemente das suas culturas; por isso, presume-se que essas metáforas conceituais são potencialmente universais. As metáforas primárias, portanto, são baseadas e motivadas pela experiência corporal, pelo modo como o corpo humano funciona e interage com o mundo físico (YU, 1998), tendo, assim, um elevado potencial para a universalidade. Já as metáforas complexas são combinações de metáforas primárias determinadas por aspectos culturais, por isso tendem à variação tanto entre culturas quanto dentro de uma mesma cultura (KÖVECSES, 2005). Um exemplo de variação pode ser visto na metáfora conceitual RAIVA É UMA SUBSTÂNCIA NUM RECIPIENTE, que apresenta algumas especificidades em cada língua. Em Kövecses (2000), vemos que, no inglês, a raiva é um líquido, mas que, no chinês, ela é vista como um gás. Além disso, o estudo de Maalej (2004) mostra que a raiva é uma substância líquida e sólida em árabe tunisiano.

Uma interface entre essa visão de metáfora e cultura, segundo Kövecses (2005), traz para o estudo da metáfora a relevância do contexto, que já tinha sido apontada por Gibbs (1999). Por isso, é preciso, ao estudar metáforas complexas, recorrer às pesquisas de alguns antropólogos também interessados nessa interface, a fim de serem encontrados os subsídios necessários no que se refere às noções de cultura para a escolha das metáforas que farão parte do instrumento elaborado para este estudo.

Optou-se por adotar, na escolha do material linguístico que compôs o instrumento deste estudo, elementos tanto da teoria interpretativa da cultura de Geertz (1989) quanto da teoria de Strauss e Quinn (1997). Da primeira perspectiva salienta-se a visão de cultura como um sistema de signos, porque esse pressuposto pode auxiliar na compreensão dos signos culturais relacionados às metáforas conceituais estudadas. Já da segunda utilizam-se as noções de entendimentos compartilhados – por serem frequentemente metafóricos – e das forças centrípeta e centrífuga que tornam a cultura, ao mesmo tempo, pública e internalizada. Além disso, decidiu-se adotar, neste artigo, a visão da cultura gaúcha híbrida, mas que tem a predominância da figura típica idealizada do gaúcho. Ou seja, mesmo com a consciência da diversidade que constitui o Rio Grande do Sul, o termo cultura gaúcha irá se referir à representação mítica do gaúcho. Essa visão, apesar de apresentar rupturas (FREITAS e SILVEIRA, 2000), é endossada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho e por dispositivos legais que atestam a sua importância e representatividade no meio social em que estão inseridas.

3. Instrumento de compreensão de metáforas relacionadas à cultura gaúcha

O estudo que gerou os dados analisados no presente artigo constitui-se de uma pesquisa de campo e transversal, que pretendia investigar as relações entre as variáveis “idade” e “local de moradia” e a compreensão de metáforas relacionadas à cultura gaúcha. Para tanto, foi elaborado um instrumento baseado em quatro metáforas conceituais relacionadas à figura do cavalo. Para cada metáfora conceitual (em caixa alta), foi elaborada uma sentença que atualizava linguisticamente o seu mapeamento, como segue:

1. SER AGRESSIVO É AGIR COMO UM CAVALO AGRESSIVO (doravante, M1)
- A Márcia deu um coice no João.
2. COMEMORAR É AGRADAR O CAVALO (M2) - Agora que o Eduardo sabe o resultado, ele vai lavar a égua!
3. SER SURPREENDIDO É CAIR DO CAVALO (M3) - O Luís caiu do cavalo com a notícia que Amanda deu pra ele.
4. CONTROLE DA SITUAÇÃO É CONTROLE DO CAVALO PELO CAVALEIRO (M4) - A Letícia tomou as rédeas da escola.

A intenção de utilizar expressões linguísticas que instanciam a metáfora conceitual é a de possibilitar uma investigação da compreensão dessas metáforas conceituais relacionadas à cultura gaúcha. Após cada sentença, foram propostas duas questões aos participantes. Na M4, por exemplo, havia a sentença “A Letícia tomou as rédeas da escola”, seguida das questões “(a) Como será que ela está se sentindo? (b) Isso é uma coisa boa ou ruim? Por quê?”

A amostra desta pesquisa foi constituída por 60 crianças, com média de 10,81 anos ($dp= 0,74$ / faixa etária = de 10 a 12 anos), e 60 estudantes universitários, com média de 26,53 anos ($dp= 7,97$ / faixa etária = de 19 a 42 anos). O grupo das crianças é composto por 30 alunos de uma escola municipal de Palmares do Sul e por 30 alunos de uma escola particular de Porto Alegre. O grupo de adultos é formado por 30 estudantes da UNIASELVE dos cursos de Pedagogia e de Letras - faculdade particular em Capivari do Sul – e por 30 alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) do curso de Letras.

A aplicação do instrumento de pesquisa foi realizada em grupos, na sala de aula dos alunos e no horário regular de aula. Os participantes eram orientados a ler as quatro sentenças e a responder às perguntas relacionadas a elas. Cada participante respondia às perguntas no seu próprio formulário, não sendo necessárias a gravação e a transcrição dos dados.

4. Análise dos dados

4.1. Desempenho por metáfora

Os resultados obtidos por meio do teste de compreensão de metáforas acima descrito foram verificados através de análises de variância (ANOVA). Foi considerado um nível de significância de 0,05 em todas as análises estatísticas. Para este artigo, que não tem como foco as análises quantitativas dos resultados, será feita uma breve análise apenas dos dados referentes à diferença na compreensão de cada uma das metáforas, uma vez que eles se mostram pertinentes para as discussões feitas na análise qualitativa dos dados do estudo.

Na Tabela 1, estão representadas as médias e o desvio padrão na compreensão de cada metáfora:

Tabela 1 - Média por metáfora

Metáfora	Média	Desvio Padrão
M1	1,34	0,71
M2	1,22	0,89
M3	1,23	0,89
M4	1,07	0,94

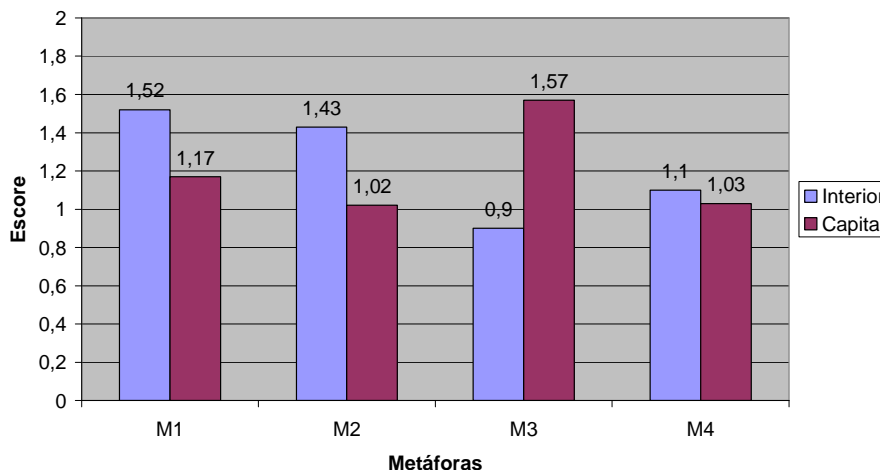
Apesar de todas as médias variarem, houve uma diferença significativa apenas entre a compreensão de M1 e M4, o que pode ser justificado por uma diferença na familiaridade das atualizações linguísticas utilizadas do teste de compreensão de metáforas. Cabe ressaltar, no entanto, que essa justificativa só poderia ser confirmada através de um estudo que verificasse a familiaridade das expressões linguísticas utilizadas, o que não foi feito, em função de um estudo de familiaridade precisar envolver um número de participantes além do viável para o estudo aqui proposto.

Além disso, quando a variável “idade” é relacionada com a compreensão de cada metáfora, verifica-se que, excetuando a M1, houve um efeito significativo de idade em todas as metáforas estudadas, sendo que elas foram mais compreendidas pelos adultos em todos os casos. Quando a relação é feita entre o “local de moradia” e a compreensão de cada uma das metáforas estudadas, verifica-se que o desempenho dos participantes na compreensão de cada uma das metáforas é influenciado pelo “local de moradia”. Um resultado que merece uma análise especial foi encontrado na metáfora 3 e será discutido a seguir.

Nas metáforas 1 e 2, a média de compreensão dos participantes do interior (M = 1,52 e 1,43, respectivamente) foi significativamente maior do que a média dos participantes da capital (M = 1,17 e 1,02, respectivamente). Na metáfora 4, os participantes do interior (M = 1,10) também tiveram uma média maior do que os da capital (M = 1,03); no entanto, essa diferença não foi estatisticamente significativa. Os resultados da análise da metáfora 3 contrariam os relatados anteriormente. A média dos participantes da capital (M = 1,57) na compreensão dessa metáfora foi significativamente maior do que a média dos participantes do interior (M = 0,90). Essa diferença tão grande aponta a necessidade de se investigar, nas respostas dos participantes, uma justificativa para o ocorrido.

Após a releitura dos questionários respondidos pelas crianças do interior, percebeu-se que a grande maioria dessas crianças compreendeu a sentença *O Luis caiu do cavalo com a notícia que Amanda deu pra ele* como sendo literal. Uma possível explicação para esse fenômeno é o fato de essas crianças andarem a cavalo com frequência e, conseqüentemente, já terem passado pela experiência de cair do cavalo e considerá-la muito factível. Como a compreensão literal dessa sentença não foi recorrente entre as crianças da capital, e o comportamento verificado na compreensão dessa metáfora não foi encontrado nas demais metáforas estudadas, supõe-se que há uma inadequação do instrumento nessa metáfora. O gráfico apresentado a seguir, ilustra o desempenho na compreensão de cada metáfora por local.

Desempenho em cada metáfora por local



4.2. Análise qualitativa

Os dados até aqui apresentados apontam a necessidade de uma análise qualitativa, a fim de que os resultados estatísticos encontrados para a compreensão de cada metáfora sejam mais bem compreendidos. Para tanto, é feita a análise individual de cada uma das quatro metáforas conceituais estudadas, a fim de verificar as suas especificidades. A seguir, serão apresentados e interpretados alguns exemplos de respostas dadas pelos participantes desta pesquisa.

Metáfora Conceitual 1: SER AGRESSIVO É AGIR COMO UM CAVALO AGRESSIVO

As respostas esperadas para esta questão eram as descritas a seguir.

M1: A Márcia deu um coice no João.

a) Como será que ela está se sentindo?

Irritada, braba, com raiva. Além disso, foram aceitas respostas como ‘culpada’, quando eram justificadas por uma briga com uma pessoa querida, ou ainda ‘aliviada’, quando seguidas de um indicativo de que o alívio estaria relacionado a uma raiva anterior.

b) Isso é uma coisa boa ou ruim? Por quê?

Qualquer justificativa que remetesse a situações de agressividade/raiva.

Essa metáfora conceitual foi a que obteve a maior média de compreensão, sendo, inclusive, significativamente mais compreendida do que a M4. Tanto as crianças quanto os adultos das duas localidades estudadas apresentaram altos índices de compreensão na M1. Há, aparentemente, duas possíveis explicações para esse resultado. A primeira está relacionada com a familiaridade da expressão linguística utilizada no experimento (*A Márcia deu um coice no João*). Aparentemente essa expressão está bastante presente no dia a dia dos participantes, sendo, por isso, compreendida pela maioria deles. Esse mapeamento parece estar tão claro que alguns participantes chegaram a explicá-lo em suas respostas:

Participante 92, adulto – “coice, no sentido figurado, como uma resposta atravessada: ela está irritada”.

Participante 102, adulto – “dar uma coice seria ser mal educado com alguém, agressivo”.

Outra explicação para esse resultado é o fato de tanto o domínio fonte quanto o domínio alvo da M1 estarem relacionados a outro domínio alvo muito recorrente em diversas línguas: RAIVA. Kövecses (2003) chega a supor que RAIVA é o conceito de emoção mais estudado sob a perspectiva da semântica cognitiva. Esse domínio parece ser comum a todos os seres humanos desde muito cedo, por isso, torna-se saliente e facilita a compreensão de metáforas relacionadas a ele. A presença na noção de RAIVA na compreensão dessa metáfora pode ser ilustrada pelas ocorrências a seguir.

Participante 3, adulto – “boa, porque ela está descarregando a raiva.”

Participante 60, 11 anos – “ruim, se ela estivesse com raiva dele.”

Além disso, metáforas envolvendo agressividade frequentemente mencionam os animais em seus domínios fonte. Um exemplo dessas metáforas é apresentado por Kövecses (2003): *COMPORTAMENTO RAIVOSO É COMPORTAMENTO DE UM ANIMAL AGRESSIVO (ANGRY BEHAVIOR IS AGGRESSIVE ANIMAL BEHAVIOR)*. Podemos dizer, inclusive, que a M1 é uma metáfora específica da metáfora conceitual mais genérica apresentada por Kövecses. Como lembra o autor, metáforas com o domínio fonte ANIMAIS provavelmente são utilizadas em inúmeras línguas para descrever os seres humanos, porém o uso de um animal em especial deve variar de acordo com o contexto linguístico e cultural. Ainda sobre a presença de ANIMAIS como domínio fonte, Kövecses (2002) diz que esse uso é extremamente produtivo. A relação evidente da M1 com domínios tão produtivos como RAIVA e ANIMAIS é provavelmente a principal justificativa para o fato de a M1 ter obtido a maior média de compreensão em todos os grupos.

Outro padrão de resposta observado nas questões sobre a M1 a ser analisado é o que apresenta respostas que remetem à culpa pela atitude agressiva. Como explicado no início da seção, na pergunta “a” da M1, foram aceitas respostas como “culpada” quando justificadas por uma briga com uma pessoa querida. O interessante é que essas respostas foram dadas, em sua grande maioria, por crianças. Ou seja, parece que para as crianças um ato agressivo suscita mais “culpa” do que para os adultos. É como se os adultos pensassem que atitudes agressivas são geralmente justificadas, enquanto as crianças se sentem culpadas quando são agressivas com uma pessoa querida. Esse aspecto é importante, pois mostra uma diferença de comportamento entre os dois grupos etários estudados. Isto significa que ambos os grupos compreendem a metáfora conceitual, porém, algumas vezes, eles a relacionam com sentimentos diferentes devido às suas visões de mundo. A seguir, estão algumas respostas dadas pelas crianças.

Participante 55, 10 anos – “Se ela está se sentindo culpada, é bom, porque ela vai pedir desculpas.”

Participante 39, 11 anos – “(a) Culpada. (b) Ruim, pois ela vai ser conhecida como uma pessoa agressiva”.

Participante 45, 11 anos – “(a) Culpada ou arrependida. (b) Isso é uma coisa ruim porque quem faz isso é mal educado.”

Metáfora Conceitual 2: COMEMORAR É AGRADAR O CAVALO

Eram esperadas para esta questão as seguintes respostas:

M2: Agora que o Eduardo sabe o resultado, ele vai lavar a égua!

a) Como será que ele está se sentindo?

Bem, feliz, contente, alegre.

É importante ressaltar que, em outras regiões, a expressão “lavar a égua” pode ser entendida como “ganhar muito dinheiro” ou “desfrutar ao máximo uma situação vantajosa”. Esses sentidos, embora não tenham aparecido nos dados da pesquisa, também remeteriam a uma avaliação positiva da situação. Seria interessante fazer um levantamento sobre essa questão em outros estados brasileiros.

b) Isso é uma coisa boa ou ruim? Por quê?

Boa, seguida de uma justificativa que remetesse a um evento positivo.

A partir da atualização linguística utilizada nesta questão, esperava-se que os participantes chegassem ao domínio alvo COMEMORAR. As respostas referentes à compreensão da M2 apresentaram uma diferença significativa tanto no que diz respeito à idade quanto ao local de moradia dos participantes. Essa diferença significativa de idade pode ser justificada por uma aquisição tardia das metáforas complexas, hipótese que foi levantada ao se observarem os dados referentes ao desempenho das diferentes faixas etárias no teste e que exigiria um estudo mais abrangente para ser corroborada. Porém, é interessante notar que, quando analisadas as respostas das crianças e dos adultos que compreenderam a M2 da forma esperada, percebe-se que as suas justificativas para a resposta da questão “b” são diferentes, retratando as experiências de cada faixa etária. Abaixo, estão alguns exemplos.

Participante 51, 11 anos – “boa, porque ele tem notas boas, então ele estuda, se interessa.”

Participante 78, 10 anos – “é coisa boa, porque ele aprendeu a lição.”

Participante 14, adulto – “boa, pois ele se livrou do golpe da barriga.”

Participante 115, adulto – “boa, Eduardo passou no vestibular da UFRGS, um de seus maiores desejos.”

Essas respostas reforçam a ideia de que as experiências de cada participante desempenham um papel importante na compreensão de metáforas. Muitas vezes, é possível inferir a faixa etária dos participantes apenas a partir da leitura de suas justificativas.

Quanto à variável “local”, cabe ressaltar a proximidade dos participantes do interior com a cultura tradicional gaúcha. Nesse contexto, o cavalo desempenha um papel importante e, por isso, compreender as metáforas a ele relacionadas é mais fácil do que para aqueles que não têm o convívio tão intenso com a cultura idealizada do gaúcho.

Além disso, como na M1, alguns participantes também explicaram o significado atribuído à atualização linguística apresentada da segunda metáfora conceitual, mostrando familiaridade com a expressão:

Participante 114, adulto – “boa, pois a expressão *lavar a égua* tem um sentido de *aproveitar, divertir-se*.”

No geral, a M2 apresentou uma boa média de compreensão, ficando um pouco abaixo da M1, tendo uma média similar à M3 e estando superior à M4.

Metáfora Conceitual 3: SER SURPREENDIDO É CAIR DO CAVALO

As respostas esperadas para esta questão aparecem descritas a seguir.

M3: O Luís caiu do cavalo com a notícia que Amanda deu pra ele.

a) Como será que ele está se sentindo?

Surpreso, decepcionado, espantado.

b) Isso é uma coisa boa ou ruim? Por quê?

Boa, se seguido de uma justificativa que remetesse a uma notícia positiva;

Ruim, se seguido de uma justificativa que remetesse a uma notícia negativa.

Deve ser salientado o fato de esta metáfora estar presente não só entre os gaúchos, mas também no restante do País. Entretanto, não foram encontrados trabalhos que verifiquem o comportamento dos falantes em relação a essa metáfora em outras regiões.

As análises das respostas de compreensão da M3 apresentaram resultados diferentes daqueles obtidos nas outras metáforas, principalmente no que se refere à variável “local”. Nesta metáfora, a média de compreensão dos participantes da capital foi significativamente maior do que a média dos participantes do interior. Como já foi discutido anteriormente, parece que houve uma inadequação do instrumento nesta questão, pois a expressão linguística utilizada permitia a compreensão literal da sentença – principalmente pelas crianças do interior que, convivendo mais com o ambiente rura, caem do cavalo com certa frequência. Respostas como as listadas abaixo representaram 60% das respostas dadas pelas crianças do interior, que obtiverem uma média muito baixa ($M=0,30$) na compreensão da M3.

Participante 64, 12 anos – “ruim, porque ele caiu e ficou todo machucado.”

Participante 70, 11 anos – “ruim, porque ele pode ter caído e se machucado.”

Participante 75, 10 anos – “ruim, porque deve estar doendo.”

Participante 87, 11 anos – “(a) dolorido; (b) ruim, porque ele caiu do cavalo.”

As crianças da capital tiveram uma boa média na compreensão dessa metáfora ($M=1,27$) e poucas interpretaram a sentença literalmente, o que reforça a hipótese de que a proximidade das crianças do interior com a situação reproduzida pela sentença foi uma variável interveniente na compreensão da M3. Já entre os adultos, tanto os moradores do interior quanto os da capital tiveram boas médias (1,50 e 1,87, respectivamente). Isso mostra que a M3 é bem compreendida pelos adultos, que, em sua maioria, responderam como o esperado. Alguns, inclusive, explicaram a sua compreensão da metáfora estudada (participantes 92 e 98, por exemplo), mostrando que há um bom entendimento da metáfora conceitual e que a expressão linguística é familiar.

Participante 99, adulto – “(a) surpreso; (b) pode ser bom ou ruim, dependendo da notícia.”

Participante 12, adulto – “ruim, porque ele ficou perplexo com tal notícia.”

Participante 92, adulto – “Provavelmente ruim, porque *cair do cavalo* é uma expressão de surpresa negativa.”

Participante 98, adulto – “Acredito que é geralmente ruim. Acho que é porque a expressão denota um forte baque, um golpe, etc.”

É importante notar que, apesar de alguns participantes terem dito que a surpresa poderia ser boa ou ruim, como o participante 99, a maior parte deles associa a expressão “cair do cavalo” a algo negativo, seja uma notícia desagradável e inesperada ou uma decepção.

Vale salientar, contudo, que o fato de a expressão se referir a algo inesperado é bastante evidenciado nas respostas de compreensão da M3.

Metáfora Conceitual 4: CONTROLE DA SITUAÇÃO É CONTROLE DO CAVALO PELO CAVALEIRO

A seguir, encontram-se as respostas esperadas para esta questão.

M4: A Letícia tomou as rédeas da escola.

a) Como será que ela está se sentindo?

No controle, no comando, com responsabilidade, realizada.

b) Isso é uma coisa boa ou ruim? Por quê?

Qualquer justificativa que remetesse a situações de controle/responsabilidade.

A M4 foi a que obteve a menor média de compreensão entre os participantes desta pesquisa. Curiosamente, esta metáfora é a única entre as estudadas neste trabalho que já foi investigada em outras línguas. MacArthur (2005) fez uma análise de *corpus* em inglês e em espanhol e concluiu que esta metáfora conceitual tem um vasto escopo de atualizações linguísticas nas duas línguas investigadas, comprovando a sua produtividade. Em português, também encontramos diferentes atualizações desta metáfora conceitual, como *estar de rédeas soltas*, *trazer em rédea curta*, *perder os estribos/estribeiras*, *esporear*, etc.

A baixa média dessa metáfora pode ser justificada pelo desempenho das crianças no teste de compreensão de metáforas, pois elas tiveram uma média muito baixa de acertos ($M=0,45$). Uma hipótese para esse desempenho pode ser a apresentada anteriormente, que supõe uma aquisição tardia das metáforas complexas, visto que elas dependem de experiências culturais. Entre os adultos, a média de compreensão da M4 foi alta ($M=1,68$), como era esperado devido à produtividade expressiva dessa metáfora conceitual. Abaixo, estão algumas respostas dadas às questões de compreensão da M4.

Participante 106, adulto – “(a) no comando; (b) boa, pois ela poderá se destacar, resolvendo problemas e realizando boas ações;”

Participante 3, adulto – “(a) poderosa. (b) por enquanto boa, depois é que vem o problema.”

Um aspecto interessante observado nas respostas de compreensão desta metáfora foi a incidência de sentenças metafóricas. Quando precisavam falar sobre o sentimento envolvido na situação apresentada, alguns participantes recorriam a uma metáfora primária envolvendo CONTROLE como domínio alvo, a saber ESTAR NO CONTROLE É ESTAR ACIMA, a qual, segundo Grady (1997), é motivada pela correlação entre estar em uma posição mais alta e ter maior controle sobre objetos, pessoas e situações. Para esses participantes, a situação apresentada pela sentença *A Letícia tomou as rédeas da escola* era positiva, porque Letícia passava a ser *superior* aos demais. Essas respostas mostram que os participantes compreendem a metáfora conceitual estudada, pois entendem o domínio alvo CONTROLE DA SITUAÇÃO, utilizando em suas respostas, inclusive, outra metáfora conceitual envolvendo esse mesmo domínio.

Participante 12, adulto – “superior e com responsabilidades muito grandes.”

Participante 27, adulto – “está se sentindo superior, autoritária, chefona.”

Participantes 30, adulto – “por cima, com poder”

É importante, ainda, lembrar que há uma relação entre as duas últimas metáforas conceituais discutidas - SER SURPREENDIDO É CAIR DO CAVALO e CONTROLE DA SITUAÇÃO É CONTROLE DO CAVALO PELO CAVALEIRO-, uma vez que, por um lado, se a pessoa não controla o cavalo, ela cai e, por outro, se a pessoa não tem controle da situação, ela é surpreendida. Isto é, parece haver uma relação de consequência entre essas duas metáforas conceituais.

5. Considerações finais

Este artigo se propôs a fazer uma análise qualitativa dos dados obtidos através de um instrumento de compreensão de metáforas relacionadas à cultura gaúcha. Esse instrumento teve, como pressupostos para a sua elaboração, a Teoria da Metáfora Conceitual (1980) e as noções de Geertz (1989) e Strauss e Quinn (1997) sobre cultura. As análises apresentadas sobre as diferenças na compreensão entre as metáforas indicam que, apesar de todas as médias variarem, apenas na comparação entre as metáforas 1 e 4 encontra-se um efeito significativo. Esse resultado indica uma possível diferença de familiaridade das expressões linguísticas utilizadas no instrumento, o que só poderia ser confirmado com a realização de um estudo que verificasse a familiaridade dessas expressões nos diferentes grupos que compõem a amostra desta pesquisa.

A partir desse resultado, partiu-se para a análise qualitativa dos dados, uma vez que, através dela, é possível entender com mais precisão o que a análise estatística revela. A fim de explorar de forma detalhada as respostas dos participantes, os dados foram apresentados de acordo com cada uma das quatro metáforas conceituais estudadas. Na metáfora 1, alguns participantes deram respostas bem específicas em relação à metáfora conceitual, chegando a explicar o seu mapeamento. Foi identificada, também, uma correlação desta metáfora com domínios recorrentes em várias línguas: RAIVA e ANIMAIS. Na metáfora 2, as justificativas dadas pelos participantes reforçam a ideia de que as experiências de cada participante desempenham um papel importante na compreensão de metáforas. Na metáfora 3, percebeu-se uma influência da “idade” e do “local de moradia” na compreensão da expressão linguística utilizada no teste. Por fim, na metáfora 4, foi observada a recorrência a metáforas primárias para a compreensão da expressão linguística metafórica apresentada.

Ao propor um olhar mais atento às respostas de cada participante, pretende-se destacar, por um lado, os padrões esperados e, por outro, as colocações divergentes nas respostas do instrumento de compreensão de metáforas. Essa análise aponta aspectos importantes da compreensão de metáforas complexas e indica novas pistas a serem seguidas. As análises apresentadas reafirmam a importância da cultura nos estudos de variação metafórica e possibilitam uma reflexão sobre as variedades locais - tão pouco estudadas até o momento.

Referências

- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. São Paulo: Cultrix, 1990. Tradução direta do grego e do latim de Jaime Bruna.
- FREITAS, Letícia F. R.; SILVEIRA, Rosa M. H. A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana. In: *Educação*, n.2 (53), p.263-281, mai/ago 2004.
- GEERTZ, Clifford. (1972) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIBBS, Raymond. *The poetics of mind: figurative thought, language and understanding*. New York: Cambridge University Press, 1994.

- GRICE, Paul. Logic and conversation. In: GRICE, Paul. *Studies in the way of words*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1987.
- _____. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: _____; STEEN, G. *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Berkeley, 1997.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A. 2003. 7ª ed.
- KÖVECSES, Zóltan. *Metaphor and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- _____. *Metaphor and Emotion: language, culture and body in human feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- _____. *Metaphor in Culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- _____. *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LARAIA, Roque de B. *Cultura: um conceito antropológico*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- MAALEJ, Zouhair. Figurative Language in anger expressions in Tunisian Arabic: an extended view of embodiment. *Metaphor and Symbol*, n. 19, v. 1, p. 51-75, 2004.
- MACARTHUR, Fiona. The competent horseman in a horseless world: observations on a conventional metaphor in Spanish and English. *Metaphor and Symbol*, n. 20, v. 1, p. 71-94, 2005.
- STRAUSS, Cláudia. QUINN, Naomi. *A cognitive theory of cultural meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- YU, Ning. Metaphor, body, and culture: the Chinese understanding of gallbladder and courage. *Metaphor and Symbol*, n. 18, v. 1, p. 13-31, 2003.